

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

FILMES PORTUGUESES EM CÓPIAS NOVAS

22 de Abril de 2021

CARTAS NA MESA / 1973

um filme de **ROGÉRIO CEITIL**

Realização, Argumento, Montagem: Rogério Ceitil Colaboração Literária: Fernando Assis Pacheco Diálogos: Fernando Assis Pacheco, Rogério Ceitil Fotografia: Elso Roque Som: Eduardo Marques Duarte, Virgílio Luz Misturas: Luís Barão Música, Letrista, Intérprete: José Jorge Letria Assistente de imagem: Francisco Silva Interpretação: José Jorge Letria (Jorge Lopes, o jornalista), José Ceitil (José Bento, o crítico), Guida Maria (Clara), José Amador (António, o fotógrafo), Ricardo Nuno (Nuno, o realizador), António Beringela (ciclista desempregado), Fernando Assis Pacheco (chefe da redacção), Guilherme Videira (jornalista desportivo), Henrique Espírito Santo (Manuel Alves de Matos), João Franco, Sena Lopes, Adelaide João, Sacadura Bretz, Jaime Pimenta, Trigo de Sousa, etc.

Produção: Centro Português de Cinema, Tobis Portuguesa (Portugal,1973) Director de produção: Henrique Espírito Santo Assistente de produção: Ermelinda Paulinho Cópia: Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35 mm (restaurada), preto e branco, 95 minutos Estreia comercial: 6 de Janeiro de 1975, no cinema Satélite Primeira exibição na Cinemateca: 1980 (“Panorama do Cinema Português”).

CARTAS NA MESA foi, em 1973, o segundo filme de Rogério Ceitil, produzido no contexto do Centro Português de Cinema. Apresentado no Festival de Cinema de Santarém e imediatamente proibido pela censura, GRANDE, GRANDE ERA A CIDADE (1971) alimentara alguma polémica, que, de algum modo, CARTAS NA MESA reflecte integrando no seu enredo o mundo do cinema português dos anos 70. Integrando mesmo – precise-se – a discussão em torno do “Cinema Novo” (no filme também chamado “Cinema Jovem”) na sua relação com o público, ou ainda pondo em cena a personagem de um jovem realizador que enfrenta sérias dificuldades durante a finalização de um seu filme. Trata-se, assim, de um título da filmografia portuguesa dessa segunda década do Cinema Novo em Portugal cuja maior peculiaridade é justamente a de reflectir o curso da realidade em curso, construindo-se como uma obra “ambientada” e “devedora” do ambiente que, na capital, lhe era contemporâneo.

Tem de notar-se que essa contemporaneidade corresponde a um momento particular no sentido em que, filmado em 1973, ou seja, antes da Revolução, CARTAS NA MESA reflectia o paradoxo do passado quando estreou depois dela, no princípio de 1975. Os tempos tinham exultantemente mudado, o retrato estaria então desfasado. Nele, grassava o compadrio, a pequena corrupção, os realizadores de cinema tinham dificuldade em fazer os seus filmes, os jornais em que valia a pena escrever e que valia a pena ler eram poucos (“dois ou três em Lisboa”, diz-se no filme), as redacções sofriam contenção de despesas e davam preferência a

estagiários. Notas de época possivelmente pouco condicentes com a expectativa revolucionária de 1974/75.

A partir de um argumento de Rogério Ceitel escrito com a colaboração de Fernando Assis Pacheco, que desempenha no filme o papel do chefe de redacção, *CARTAS NA MESA* reenvia-nos para a realidade lisboeta do Portugal da época, oferecendo o protagonismo a um jornalista, Jorge (José Jorge Letria), que trabalha numa redacção (a do *República*, aqui cenário de um anónimo jornal lisboeta) e segue uma série de diferentes assuntos de reportagem acompanhado por um fotógrafo, António, permitindo-nos, através deles, tomar o pulso a outros tantos “assuntos da ordem do dia”: dos meandros da cultura popular, musical e cinematográfica aos da corrupção de empreitadas imobiliárias, passando por apontamentos como o do ciclista que, às voltas no Campo Pequeno, ensaia bater um recorde que chame a atenção de um possível patrocinador. “A culpa disto é de um certo jornalismo desportivo”, diz Jorge a António. *Cartas na mesa*. Rogério Ceitel expõe o jogo social a que assiste, na perspectiva da acção do filme. É, aliás, pelo grande plano de uma máquina de escrever onde vão sendo inscritos os créditos, e ao som do martelar das suas teclas na folha do papel branco enrolado na bobina da máquina, que *CARTAS NA MESA* arranca, advertindo o espectador com o “clássico” aviso de que qualquer semelhança com pessoas e acontecimentos da vida real é pura coincidência.

Avisados, seguimos para a cidade, Lisboa, que nos é dada a ver num plano geral que se vai abrindo em recuo, como no final sucederá. “Esta Lisboa [que] está cheia de virgens falsas” é o palco de *CARTAS NA MESA*, a das noites e a dos dias, a dos cidadãos e a dos visitantes ocasionais (como o pai de Jorge, vindo da província em rápida incursão médica), a do que se passa à superfície e a do que se passa nos bastidores dos vários pequenos mundos que aqui se representam vislumbrando não apenas o cinzentismo e a fanfarronice, mas também sobrelevando o latente aspecto doentio, corrosivo, que se vai disseminando e a que, no fim, nem o protagonista parece escapar. Afinal, corriam os anos do estertor (pós)salazarista, que ano seguinte implodiria na rua.

CARTAS NA MESA é um dos retratos desses anos propostos pelo cinema português. O “sabor documental” da época é inegável e está expresso no coloquialismo dos diálogos com os muitos “pás” do – então – costume. É também irresistível, sendo que, detendo-se com alguma atenção na realidade cinematográfica (da produção, da distribuição, da crítica), o filme de Rogério Ceitel tem essa acrescida originalidade.

Maria João Madeira